

# Hermenêutica e Simbólica: De Paul Ricoeur a Camilo Pessanha

MARIA ANTÓNIA JARDIM\*

---

**RESUMO:** Este artigo foca a importância da hermenêutica e da simbólica quer em Paul Ricoeur, quer em Camilo Pessanha e como este último, poeta-filósofo, pensou e sentiu a sua poesia a partir do símbolo, encarnando este, uma forma de vida. Aponta-se para a dupla função simbólica e como esta é constitutiva da personalidade do sujeito. Revela Camilo Pessanha como um construtor de pontes, um educador épico-ético que cruza o Ocidente com o Oriente na sua poesia cromática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Símbolo; Hermenêutica; Educação; Ética; China

---

*“O mundo é um objecto simbólico”*

Salústio

**Onde encontrar a unidade hermenêutica?  
O símbolo é a palavra-chave.**

---

\*Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto; Mestre em Literaturas Clássicas Comparadas pela Universidade Clássica de Lisboa; Doutorada em Ciências da Educação pela Universidade do Porto;( discípula de Paul Ricoeur ); Pós. Doutoramento em Arte Terapia pela Universidade de Santiago de Compostela e agregação em Psicologia da Arte. Escritora e Pintora.

*Degree in Modern Languages and Literatures from the University of Porto; Master in Classical Literatures Compared by the Classical University of Lisbon; PhD on Educational Sciences from the University of Porto (disciple of Paul Ricoeur); Post Doc. in Art Therapy from the University of Santiago de Compostela and she is an expert on Psychology of Art. Writer and Painter.*

## TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



Jóia produzida pela autora em comemoração dos 150 anos do nascimento do poeta. Claves de Lua e Sol (revela a faceta alquímica, épica e musical de Camilo Pessanha) por A. Sinai, artista plástica e designer de jóias.

A verdadeira natureza da reflexão é de ordem simbólica e hermenêutica, isto é, exige uma interpretação de todos os símbolos que testemunham o desejo e esforço para existir.

A hermenêutica ascende ao primeiro plano quando a polissemia é reconhecida como regra e quando o simbolismo é considerado sobretudo um fenómeno restringido ao uso de signos linguísticos. Os símbolos são os meios pelos quais o nosso inconsciente se condensa e desloca uma informação incómoda, de modo a que esta não ameace e preserve mesmo a integridade do nosso ego. Assim, vamos cruzar o caminho de Gilbert Durand, segundo o qual o símbolo

é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto, constituindo-se em epifania (*epiphaneia* em grego, quer dizer “aparição”) de um mistério. Para este autor, a virtude essencial do símbolo é assegurar no seio do mistério pessoal a própria presença da transcendência, já que o papel profundo do símbolo será a “confirmação” de um sentido a uma liberdade pessoal; como Ricoeur afirma em *Finitude et culpabilité*, qualquer símbolo autêntico possui três dimensões concretas: é simultaneamente “cósmico”, “onírico” e “poético”.

Precedendo Ricoeur, é Bachelard quem encontra na infância o símbolo dos símbolos: “verdadeiro arquétipo, o arquétipo da felicidade simples”.

Para Bachelard “a nossa infância seria o Letes onde teríamos bebido para não nos dissolvermos no Todo anterior e no Vindouro”. Tal leva-nos de novo ao caminho traçado por Ricoeur, que nos aponta para duas espécies de hermenêuticas, sendo ambas esforço e decifração, são ambas “reminiscências”, mas enquanto uma é, segundo o filósofo, arqueológica, e pronto imbuída de todo um passado biográfico, a outra é escatológica (do grego *eschaton*: o fim último, o último prazo), isto é, incessante interpelação, o que nos remete para o processo incessante de re-interpretação a reconstruir durante a nossa vida.

Paul Ricoeur legitima as duas hermenêuticas, porque, no fundo, qualquer símbolo é duplo: 1) como significante, organiza-se arqueologicamente entre os determinismos e os encadeamentos causais, 2) como portador de sentido, tende para uma escatologia. Amplificando esta ideia, quase poderíamos antever o equilíbrio sócio-histórico de uma sociedade como uma constante “realização simbólica”, congregadora dos poderes do símbolo, através do qual o mundo se revela e fala. De acordo com Mircea Eliade, o símbolo é capaz de revelar uma perspectiva na qual realidades heterogêneas são articuláveis num conjunto ou até mesmo se integram em um “sistema”; o que quer dizer que a hermenêutica a partir do símbolo se torna integração. O homem não se sente isolado no cosmos, está aberto para um mundo que, graças ao símbolo, se torna familiar. Por outro lado, e retomando a perspectiva ricoeuriana, as valências cosmológicas do simbolismo permitem-lhe sair da situação subjectiva e reconhecer a objectividade das suas experiências pessoais. Por outras palavras, quem compreende um símbolo não só se abre para o mundo objectivo como

## TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

também consegue sair da sua situação particular e ter acesso à compreensão do universal.

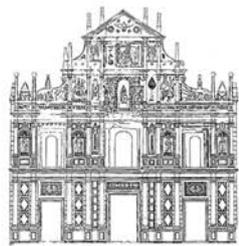
Neste sentido, o verdadeiro educador deverá ser um construtor de pontes, deverá promover encontros que impliquem diálogo. Deste modo, a hermenêutica será a resposta do homem ocidental, talvez a única inteligente, afirma convicto Eliade, no Prefácio a *Mefistófeles e o Andrógino*, às solicitações da história contemporânea, ao facto de o ocidente estar predestinado ao confronto com os valores culturais dos “outros”. Este confronto com os “Outros” ajudará o homem ocidental ao autoconhecimento e a uma evolução da consciência.

## CAMILO PESSANHA: UM EDUCADOR ÉPICO-ÉTICO

*Homo interpres* da cultura oriental, construtor de pontes e um educador épico-ético simbolista é o poeta Camilo Pessanha.

Camilo Pessanha possui um espírito épico-ético e isso revela-se nas suas conferências e estudos como, por exemplo, «Introdução a um estudo sobre a civilização chinesa» (1912), ou o relato de uma conferência «Sobre a literatura chinesa» onde realça a obra de Confúcio e a importância da luz intensa que a civilização chinesa projecta sobre o modo de ser das civilizações extintas.

Uma das muitas abordagens em que o germe platónico se manifesta e acentua é ao nível filogenético; pois ao nível ontogenético bastará lembrar que Camilo Pessanha enquanto professor de Filosofia e juiz se revelou um agente de educação notável orientado quer pelo «Li» de Confúcio, quer pela «bússola» egípcia, tão querida de Platão, o que faz com que a sua vida se torne uma metávida, convergente com a filosofia de busca de união mística, com o “Todo” de Lao-Tse; essa admirável metafísica análoga ao inteligível mundo do filósofo. Pessanha viveu em harmonia com o Tao, usando o coração como espelho. Não correndo atrás das coisas, nem indo ao seu encontro; ele reflecte-as, não as retém.



FUNDAÇÃO CASA DE MACAU



9 789899 995109

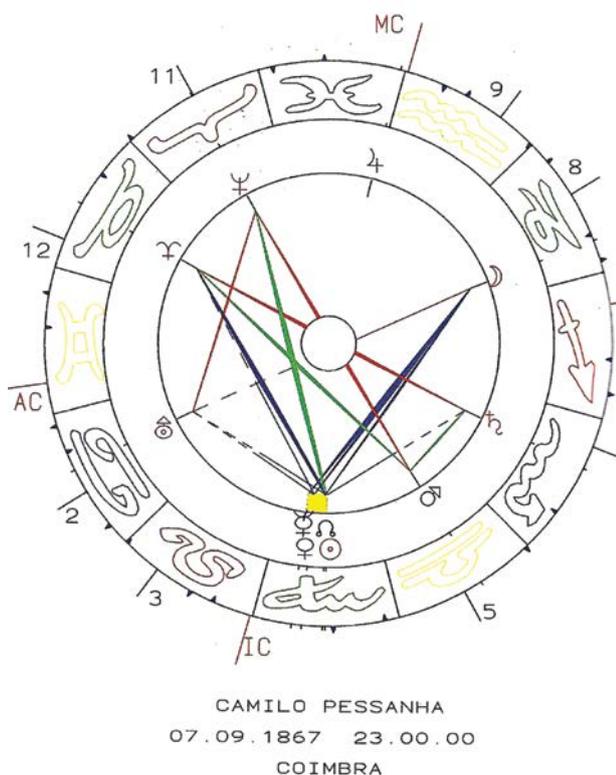
CAMILO PESSANHA  
O PINCEL NA MÃO DOS SÍMBOLOS

Maria Antónia Jardim

((Inquietud'Edições))

Comemoração  
dos 150 anos do  
nascimento

## TRIBUTO A CAMILO PESSANHA – 150 ANOS



Mapa astral de Camilo Pessanha, pelo astrólogo Carlos de Oliveira in Revista "Simbólica" p.78, Ed. Ateneu Comercial do Porto, 1994.

Com o pincel na mão das palavras, Camilo Pessanha seguiu o caminho interior do Tao: pintou a palavra com cores, sons, perfumes, emprestou-lhe vida com harmonia, pois as palavras são écrans gigantes ou orquestras de sinfonias inéditas porque embarcaram em mares de fantasia enebriadas de azul, de um azul litúrgico, místico, além-mar e além céu mas que luz no coração do poeta pan-lusitano.

Assim, ao ler Pessanha, há que ter em conta que a sua própria leitura dos grandes livros sagrados orientais (Poemas), foi feita à luz de um sol platónico, não esquecendo o sentimento nobre que os une: a Saudade. Segundo Dalila P. da Costa, o amor de Platão e a saudade serão uma dialéctica, conduzindo a uma revelação do absoluto (uma tese que defendemos na obra *Camilo Pessanha, um educador épico-ético*, editada em 2000 pela Fundação Macau). Ambos como disciplinas filosóficas e meios de libertação; isto, porque

a saudade elevará a alma da Terra ao Céu e lhe dará a visão da sua imortalidade.

É esta pátria celestial que Pessanha apresenta em "Branco e Vermelho", um tempo em que o coração da eternidade palpita, pois que a saudade do poeta é desejo de vida eterna: "Já o sonho começa". A saudade é a vitória sobre a morte, sobre os medos, porque o sujeito poético viu com os olhos divinos ("No êxtase da luz / vejo passar..."), os da eternidade, a modificação dos humanos, de todos os seres na caducidade. A saudade, angelicamente, transporta o ser da morte para a vida; é uma solução de continuidade no fluxo (*Clepsidra*) uno da existência/essência.

Os poemas de *Clepsidra* não visam a liberar um conteúdo intelectual: funcionam como índice de uma realidade oculta (o estado de Graça, o sentimento de Dor), apenas perceptível pela manipulação adequada dos símbolos.

Em Camilo Pessanha, a leitura do poema estabelece-se a partir das imagens visuais e musicais ligadas entre si e capazes de despertar sentimentos e/ou sensações. Podemos, assim, pensar que constituiriam a "emoção prolongada". Contudo, a ideia de símbolo em Pessanha não se esgota tão só nas imagens que evocam um ou mais estados de espírito, porquanto todo o poema vale como um símbolo maior. Por exemplo: em "Arcadas de violoncelo", o poema é o violoncelo, actua como verdadeiro ícone desse instrumento musical. No poema "Vénus", o poema é a mulher eterna, Deusa, Mãe; no poema "Branco e Vermelho" o poema torna-se Luz, iluminação; espírito santo, renascimento. As palavras, em Camilo Pessanha, são fochos de luz. Sinais luminosos que apontam para a harmonia dos contrários.

É a linguagem dos místicos. O que estes poemas nos comunicam, misteriosos, em verdades inefáveis, é uma vivência que não tem transcrição possível nas falas humanas.

"Branco e Vermelho" é a poesia do símbolo e de mistério onde existem momentos brancos e vermelhos únicos; uma génese cromática em que o branco é sinónimo de pureza, uma espécie de vazio disponível a ser inflamado pelo vermelho encantatório e libertador. Trata-se, de facto, de uma experiência teológico-simbólica que atravessa os paradoxos da condição humana. É um deslumbramento experienciado que ajudará o Homem ocidental na busca do seu Ser; da Luz.

## TRIBUTE TO CAMILO PESSANHA – 150 YEARS

Em Pessanha, os símbolos possuem uma espécie de “aura luminosa”; eles revelam que as modalidades do espírito são ao mesmo tempo manifestações da vida e, por conseguinte, envolvem directamente a existência humana, pois traduzem uma situação humana em termos cosmológicos. Mais precisamente, revelam o vínculo existente entre as estruturas da existência humana e as estruturas cósmicas. O sujeito não se sente “isolado” no cosmos; está “aberto” para o mundo, que graças ao símbolo se torna “familiar”.

Camilo Pessanha faz esta orquestração, ele é o maestro que gostava que os outros ouvissem a música íntima e a música das esferas (a lírica e a épica) como ele a ouvia. É que quem compreende um símbolo não só se “abre” para o mundo objectivo como também consegue sair do seu contexto particular e aceder à compreensão

universal. “Viver”, é, pois, um símbolo e decifrar correctamente a sua mensagem implica a abertura para o espírito e, finalmente o acesso ao universal.

No caleidoscópio clepsídrico que é a própria Vida, Camilo Pessanha é regido pelo signo Virgem, que segundo Carlos Oliveira, astrólogo que elaborou a carta astral de Pessanha para a revista “Simbólica”, é regido por Mercúrio e esotericamente pela Lua.

Segundo este astrólogo uma forte interiorização e vivência íntima predominam na sua estrutura e forma de ser devido igualmente à relação revelada entre Plutão e mercúrio-Vénus no seu mapa astral. Este aspecto terá feito de Camilo Pessanha um ser único, enigmático “louco” na sua forma muito própria de ser, na sua permanente insatisfação e contínuo “morrer” e “renascer”, que fez do simbolismo a sua fórmula de vida. **RC**

## BIBLIOGRAFIA

**Obras de Paul Ricoeur**

1965 *De l'interprétation. Essai sur Freud*, Paris, Seuil.

1960 *La Symbolique du mal*, Paris, Aubier

1969 *Le conflit des interprétations, Essais d'hermeneutique I*, Paris, Seuil. Tradução Portuguesa (s/d) *O conflito das Interpretações*, Porto, Rés Editora.

Bachelard, Gaston, *O novo espírito científico*, Lisboa; Edições 70, 1982.

Barreiros, Danilo, “ Camilo Pessanha, professor “, in *Persona*, nº 11-12 Dez, 1985.

Cherng, W. J. *Tao Te Ching - O Livro do Caminho e da Virtude de Lao Tse*. Editora Mauad, 1996.

Costa, Dalila L.Pereira da, ( colab), *Introdução à Saudade*, Porto, Lello & Irmão, 1976.

Durand, Gilbert, *Estruturas antropológicas do Imaginário*, Lisboa, Ed. Presença, 1989.

Eliade, Mircea, *Mefistófeles e o andrógino*, S. Paulo, Martins Fontes, 1991.

Jardim, Maria Antónia, *Camilo Pessanha- Um educador épico-ético*, Macau, Fundação Macau, 2000.

Jardim, Maria Antónia, *Da Hermenêutica à Ética em Paul Ricoeur- contributos para um desenvolvimento educativo e moral através da literatura*, Porto, Ed. Universidade Fernando Pessoa, 2003.

Jardim, Maria Antónia, (Dir.) *Revista “ Simbólica”*, Porto, Ateneu Comercial do Porto, 1994.

Pessaha, Camilo, *Clepsidra*, Aveiro, Estante, 1990.

Platão- *Fédon*, trad. Portuguesa do Pe. Dias Palmeira, Coimbra, Biblioteca Filosófica Atlântida.